

Erotização precoce: uma análise das representações da infância nas páginas do suplemento infantil *Folhinha*¹

Mayara GUTJAHR²
Valquíria Michela JOHN³

RESUMO

Este artigo trata da análise das representações da identidade infantil construída pelo suplemento infantil *Folhinha*, do jornal Folha de S. Paulo, nas edições publicadas nos meses de janeiro a dezembro de 2010. Esta pesquisa se propôs a verificar de que maneira o respectivo objeto de estudo trabalha com as questões relacionadas à erotização precoce em suas páginas. Como procedimento metodológico para coleta e análise das 51 edições que compuseram o universo desta monografia, foi utilizada a proposta da Análise de Conteúdo (Bardin, 2010), sendo que a categorização e tematização partiram do conceito de Desenvolvimento Humano, seguindo a proposta de categorização de conteúdo adotada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI). Como é na infância que a criança apreende boa parte das experiências que poderão ser resgatadas ao longo da vida, percebeu-se que a *Folhinha* colabora para a preservação da infância ao não induzir os pequenos à erotização precoce; no entanto, poderia ter aberto mais espaço para os assuntos relacionados à sexualidade das crianças, que muitas vezes utilizam a mídia para sanar suas dúvidas.

Palavras-chave: infância; Folhinha; suplemento; Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

This article regards an analysis of the representations of the infant identity created by the children's supplement *Folhinha* of Folha newspaper of São Paulo, in the editions published in the months of January to December of 2010. This study aimed to verify how their object of study regards issues related to early sexualization in its pages. The methodology for data collection and analysis of the 51 issues that made up the universe of this paper, used Content Analysis (Bardin, 2010) for the proposal, being that the categorization and theming departed from the concept of Human Development, following the proposal of content categorization adopted by the Agency News of Children's Rights (ANDI). As it is during infancy that a child learns many of the experiences that may be redeemed throughout life, it was realized that the *Folhinha*

¹ Trabalho apresentado à quarta edição da Revista Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, publicação ligada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, da Universidade Federal do Paraná.

² Jornalista pela Universidade do Vale do Itajaí (2011). Pós-graduanda em Comunicação Integrada de Marketing pela Católica de Santa Catarina / PUC-PR.

³ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua como professora da Universidade do Vale do Itajaí nos cursos de Comunicação Social - Jornalismo e Relações Públicas. Participa do grupo de pesquisa Monitor de Mídia, membro da Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Renoi). Integrante do Obitel - Observatório Ibero Americano de Ficção Televisiva.

helps to preserve the childhood by not inducing early sexualization of minors, however, it could have opened more space for issues related to the sexuality of children, for they often use the media to clarify certain doubts.

Keywords: infancy; Folhinha; suplement; Content Analyses.

Introdução

O suplemento infantil *Folhinha*, do jornal Folha de S. Paulo, é escrito para pessoas com idade entre sete e 13 anos, isto é, para crianças e adolescentes⁴. É nessa fase que, segundo Flores *et al* (2011, p. 10), as inquietações, as dúvidas e “as preocupações relacionadas à sexualidade⁵ [e ao sexo⁶] podem obter diversas formas de influência, tanto imediata quanto a longo prazo”, já que esse período da vida humana é caracterizado pelas frequentes transformações do corpo, da mentalidade e da personalidade. Dessa forma, no contexto social em que eles estão inseridos, a escola, a família e os meios de comunicação assumem importante papel no respeito e conservação de cada uma das etapas da vida. Entretanto, na sociedade atual, não são poucos os meninos e as meninas que já se desvencilharam de tabus e desvendaram os segredos dos adultos e, como resultado, têm-se crianças e adolescentes iniciando a vida sexual.

Flores *et al* (2011, p. 10) consideram que a iniciação sexual precoce “compromete a saúde (...), pois pode provocar problemas no (...) desenvolvimento, a

⁴ Neste estudo foram considerados os pressupostos do Estatuto da Criança e do Adolescente.

⁵ Em seu estudo, CARVALHO (2009, p. 97) cita as considerações do médico pediatra e hebiatra Benito Lourenço sobre a construção da sexualidade. Ele “afirma que o desenvolvimento da sexualidade passa por três fases. A primeira ocorre quando o adolescente começa a se perceber e a reconhecer o próprio corpo como objeto de prazer (período de autoerotismo) (...). A segunda fase está associada aos primeiros relacionamentos amorosos. O adolescente relaciona-se com outras pessoas, mas não cria vínculos e ainda está muito ligado a si mesmo (...). Por fim, a última fase está ligada ao momento em que o indivíduo descobre o ‘outro’. Nesse momento, a pessoa – além de buscar benefícios para si – procura entender o outro com quem se relaciona e quer fazê-lo feliz. Para o médico, não existe uma idade certa para cada etapa em que esse processo ocorre”.

⁶ CARVALHO (2009, p. 93) relembra que “a abordagem do sexo pelos meios de comunicação de massa, especialmente a TV, começa a ter espaço em 1969, quando o psiquiatra Paulo Gaudêncio – primeiro a falar do tema em uma emissora aberta –, em seu programa Jovem Urgente (TV Cultura), discutiu sexo antes do casamento. Na época, Gaudêncio teve seu programa censurado pelo governo militar. Posteriormente, as discussões (...) ganharam força na década de 1980, com o programa TV Mulher (Rede Globo), em um quadro com a sexóloga Marta Suplicy. Com o fim do regime militar, a sexualidade começou a conquistar cada vez mais espaço na grade e a permear toda a programação. Hoje, nomes como Jairo Bauer, Monique Evans, Rosely Sayão e Penélope Nova são personalidades conhecidas dos jovens quando o assunto é sexo”.

exemplo: doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência [e na infância] e banalização do sexo”. Nesse sentido, Carvalho (2009, p. 88) pondera que, atualmente, é “notório que o sexo e os sentimentos relacionados a ele estão banalizados. Em diversos tipos de espaços sociais, é possível identificar um forte apelo sexual, seja na mídia (...) ou até mesmo em conversas com amigos na escola, na rua (...)”.

Para Mangold *et al* (2007, p. 4), “a sexualidade infantil é diferente da sexualidade adulta e, inerente a qualquer criança, sua demonstração será particular a cada uma”. Do mesmo modo, Carvalho (2009, p. 93) afirma que “não existem estudos que apontem uma idade ideal para o início da vida sexual”. No texto “TV, estímulo precoce à sexualidade e adolescência”, a autora cita uma pesquisa realizada em 2007 pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo⁷ e aponta dados estatísticos sobre o assunto: “A pesquisa revela que 21% de um universo de 124 entrevistadas tiveram o início da vida sexual entre 11 e 13 anos e 55% delas entre 14 e 16” (Carvalho, 2009, p. 93).

Canela (2009, p. 78) considera que os estudos nessa área são escassos, já que “a produção existente aponta para resultados consistentes nas relações mídia e violência e, em menor medida, mídia e sexualidade”. É do mesmo autor a visão de que a exploração e o desenvolvimento sexual acontecem com mais intensidade entre os adolescentes, quando eles “se valem de suas próprias experiências corporais, hormonais, psicológicas e da interação com o mundo exterior para desenvolver sua sexualidade” (Canela, 2009, p. 82). Nesse sentido, o autor também considera que é indiscutível a potencial relevância dos meios de comunicação no desenvolvimento infantil e, conseqüentemente, no início precoce da vida sexual de crianças e adolescentes. Isso acontece porque a mídia é “uma das mais importantes instituições de socialização⁸” (Canela, 2009, p. 75)

⁷ “A pesquisa foi realizada (...) no período de outubro de 2006 a janeiro de 2007 no ambulatório de Ginecologia do Adolescente do Hospital das Clínicas de São Paulo e na Casa do Adolescente de Pinheiros, serviço de referência para meninos e meninas com menos de 20 anos” (CARVALHO, 2009, p. 93).

⁸ Para CARVALHO (2009, p. 89), “(...) é por meio do processo de socialização que o indivíduo constitui valores, crenças e normas que podem ser comuns a todos os membros do grupo com quem ele convive. Dessa forma, o desenvolvimento da sexualidade também está ligado à socialização. Família, escola, religião, grupo social em que estão inseridos, círculo de amizades e os meios de comunicação de massa são fatores fundamentais a serem analisados se desejamos investigar o processo de construção do comportamento sexual das pessoas”. Mais adiante, a autora declara que, “em resumo, socialização é o processo de assimilação de características e hábitos do grupo social em que vivemos. Por seu intermédio, o indivíduo torna-se membro do grupo a que pertence. Esse processo tem início logo após o nascimento de uma criança e nunca se dá por completamente terminado. Com a socialização, o indivíduo pode desenvolver sua personalidade e ser admitido na sociedade” (CARVALHO, 2009, p. 89).

da contemporaneidade e “acaba explicitando esse desejo [sexual] antes que a criança ou o adolescente realmente esteja maduro para tê-lo e compreendê-lo” (Carvalho, 2009, p. 91).

Em sua análise, Canela (2009) também cita o estudo da pesquisadora sueca Helena Thorfinn. Intitulado “*Children, Ethics, Media*”⁹, o texto foi publicado em 2002 e nele a autora considera que a mídia pode atuar na vida das crianças para o bem e para o mal¹⁰, mas sempre de maneira imprevisível:

Nós sabemos que a mídia é uma parte natural da vida cotidiana da maioria das crianças ocidentais e que as crianças que têm acesso às novas mídias são rápidas em adotá-las e usá-las. Nós também sabemos que as crianças podem aprender novos comportamentos, adquirir idéias, emoções, pensamentos e fantasias da mídia. As mudanças no comportamento podem variar de elementos negativos – na forma de violência, negligência e arrogância – a positivos – altruísmo, amizade e solidariedade. A maioria dos pesquisadores concorda que a mídia gera vários impactos no comportamento público e que a mesma mídia pode ter impactos diferenciados em segmentos específicos da audiência, em movimentos diversos. A mensagem da mídia mescla-se com as experiências, sentimentos e frustrações anteriores dos indivíduos e é usada de maneira única e imprevisível (THORFINN *apud* CANELA, 2009, p. 78).

Nesse sentido, Carvalho (2009, p. 88) afirma que os meios de comunicação podem estimular “a sexualidade em indivíduos que ainda não estão maduros o suficiente para ter uma vida sexual e nem estão prontos para assumir as consequências que podem resultar do exercício da sexualidade”. Entretanto, Canela (2009, p. 78) ressalta que “a mídia, como qualquer outra instituição de socialização, não pode ser analisada isoladamente. O tipo de efeito que produz resulta de sua ação, mas também das famílias, das escolas, das religiões, enfim, do contexto social” no qual cada indivíduo está inserido.

Interligado à sexualidade de crianças e adolescentes, encontra-se também o conceito de erotização precoce. Flores *et al* (2009), em análise sobre o discurso da erotização infantil na publicidade, afirma que a concepção de infância vem mudando constantemente e, por isso, a maneira de compreender e tratar as crianças e os adolescentes “variou muito ao longo dos tempos, até que chegássemos hoje a essa nova forma de representação social infantil, marcada pela influência exercida pelos meios de

⁹ “Crianças, Ética, Mídia”.

¹⁰ Tradução de Canela (2009).

comunicação de massa e dentro da qual se instala um problema que merece importância: a erotização” (Flores *et al*, 2009, p. 2).

Em prol da proteção da infância, já que crianças e adolescentes estão em constante processo de formação e, na maioria das vezes, não são capazes de diferenciar o certo do errado e, conseqüentemente, os benefícios e os perigos das informações transmitidas pelos meios de comunicação foi criado, em 2006, o Projeto Criança e Consumo, do Instituto Alana. Além de tentar proibir as práticas relativas ao consumo extremado entre crianças e adolescentes, o projeto visa a minimizar – com a prática de várias ações socioeducativas – “a violência na juventude, o materialismo excessivo, o desgaste das relações sociais” (Vivarta, 2009, p. 160) e a erotização precoce.

Na visão de Flores *et al* (2009, p. 10), assim como na de vários outros estudiosos do assunto, “a erotização dos corpos infantis (...) compromete a formação identitária das crianças, e coloca em risco até mesmo sua segurança”. Em consonância com essas ideias, a psicanalista Ana Olmos¹¹, em entrevista concedida para o Instituto Alana, explica que

A erotização é precoce quando acontece antes da fase em que a criança estaria dentro da faixa etária correta para aquele estímulo. Ela é precoce também se os conteúdos que aparecem para ela são precoces àquela faixa de idade. Vou dar um exemplo: se você conversa sobre sexo com uma criança de doze anos, que já tem uma ideia sobre o assunto, está dentro daquilo que seria o esperado para esta faixa etária. Agora, se aquilo que é sugerido ou até estimulado está fora dessa faixa etária, pode trazer problemas. Esse tipo de atitude é ruim e deixa a criança perdida. São informações de difícil compreensão que podem ter impactos negativos para ela (ANA OLMOS *apud* INSTITUTO ALANA, 2009, *on-line*).

Nesse sentido, as roupas, os calçados, as maquiagens, as bijuterias e os acessórios destinados aos adultos e que são vestidos/colocados nas crianças pelos meios de comunicação que usam a imagem tais como, por exemplo, jornais, revistas, páginas *on-line* e televisão, acabam trabalhando com o imaginário e, conseqüentemente, com o psicológico dos pequenos. Desse modo, a criança passa a considerar tais costumes como normais e, em “longo prazo, esta atitude irá levá-la a supor que pode portar-se como um

¹¹ A psicanalista Ana Olmos trabalha com crianças há trinta anos e é Conselheira do Projeto Criança e Consumo e membro do Conselho de Acompanhamento da Mídia da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados (INSTITUTO ALANA, 2009, *on-line*).

adulto, o que pode ser perigoso se pensarmos que ela ainda não possui informações suficientes para lidar com este tipo de transformação” (Flores *et al*, 2009, p. 10).

Na obra de Canela (2009, p. 83) encontra-se também “um conjunto de elementos que devem ser considerados quando as obras audiovisuais têm a intenção de abordar o tema da sexualidade de maneira responsável”. O texto “Sexualidade, Contracepção e Mídia” foi produzido, a partir de um texto anterior dos *Advocates for Youth*¹², pela comissão sobre educação pública da Academia Estadunidense de Pediatria e, apesar de ter o foco na mídia audiovisual, alguns itens também podem ser facilmente aplicados para os meios impressos, como é o caso da *Folhinha*:

- Reconhecer o sexo como um elemento saudável e natural da vida humana;
- Diálogos entre pais e filhos sobre sexo são importantes e saudáveis e devem ser encorajados;
- Deixar claro que não apenas os jovens, solteiros e “bonitos” têm relações sexuais;
- Nem todo comportamento afetivo envolvendo toque necessita culminar em uma relação sexual;
- Mostrar casais mantendo relações sexuais com sentimentos de afetividade, amor e respeito mútuo;
- As consequências do sexo desprotegido necessitam ser discutidas e mostradas;
- O aborto não deve ser usado, enquanto recurso dramático, como uma solução para a gravidez indesejada;
- O uso de contraceptivos deve ser indicado como um comportamento normal e presente em uma relação sexual;
- Evitar associar violência com sexo e amor;
- O estupro deve ser tratado como um crime e não como uma consequência da paixão;
- A habilidade de dizer “não” deve ser reconhecida e respeitada.

Desse modo, para contribuir com os estudos na área e compreender de que maneira a mídia direcionada ao público infantil está trabalhando a sexualidade e a erotização precoce de meninos e meninas em suas páginas, é que este estudo se propôs a verificar o conteúdo e as fotografias da *Folhinha*.

¹² Advogados para a juventude.

A erotização precoce nas páginas da *Folhinha*

Em relação à análise das 51 edições da *Folhinha* publicadas durante o ano de 2010, convém salientar, positiva ou negativamente, que o suplemento pouco se aventurou a dar espaço em suas páginas para a sexualidade, como também não priorizou a conscientização e o esclarecimento sobre o assunto para o seu público-alvo. Por outro lado, pode-se afirmar que o suplemento não contribuiu para as estatísticas que tornam muitos dos meios de comunicação de massa os principais responsáveis pela erotização precoce de crianças e adolescentes.

Tais considerações só foram possíveis com a leitura de todas as matérias e de todos os quadros, boxes e quadrinhos do suplemento. Sobre estes últimos, analisou-se que foram os que mais deram espaço para o tema, mesmo que de maneira rápida e sucinta. De qualquer modo, todos os diálogos e fotografias que remetiam ao assunto “sexualidade” foram considerados. Por exemplo, na edição de 27 de fevereiro, os quadrinhos de Adão trouxeram a história de uma menina que escreveu no diário as coisas que aconteceram no seu dia e entre elas consta: “meu namorado me dispensou”. Já em 19 de junho, a história de Pedro C. trouxe o garoto Eric em diálogo com um amigo:

- Cara, eu gosto muito da...
- An? Hááá, Tales tá namorando! Garanhão! Namora! Beija! Casa! Tem filho, ama, beija mais...
- Mas eu só ia dizer que gosto muito da merenda!
- Ah... foi mal... (FOLHA DE S. PAULO; *FOLHINHA*, 2010 y, p. 8).

As falas brincam com a possibilidade de um amigo estar apaixonado, o que é natural entre os adolescentes. Interessante observar que Pedro C., autor do quadrinho, tem 13 anos e, geralmente, sujeitos dessa faixa-etária escrevem sobre suas experiências, sobre o que já viveram e aprenderam. Entretanto, a *Folhinha* limita-se a dar espaço para o assunto somente na página 8, já que o amor e sentimentos relacionados não foram pauta em nenhuma das edições. Em 10 de julho, o amor – dessa vez de forma romantizada – é novamente tema das histórias, agora com Laerte, em “Lola, a andorinha”:

- Você suspirou?
- Suspirei.

- Por quê?
- Amor!
- Por ela?
- Sim.
- Vai lá!
- ... e digo o quê?
- Nada! Leve uma flor!
- Mas ela já vive cercada de flor!
- A sua vai ser especial!
- Acho que você tem razão (FOLHA DE S. PAULO; *FOLHINHA*, 2010 bb, p. 8).

Em relação à conquista ou ao namoro, na matéria de capa publicada na edição de 6 de março e intitulada “Me adiciona aí? Blog, Twitter, MSN e Orkut ajudam professores e alunos a falarem a mesma língua na internet”, o suplemento abre espaço para o assunto, mas o tema não é aprofundado, como podemos ver nesse trecho, cujo subtítulo foi “Do namoro ao futebol”: “(...) Mas sobre o que será que eles tanto conversam? ‘Os garotos gostam de falar de música ou de futebol. As garotas falam mais de namorar ou de ficar’, diz a professora de português Andrea Fusco (...)” (Folha de S. Paulo; *Folhinha*, 2010 j, p. 4-5). Convém avaliar que, mesmo que o objetivo da matéria fosse abordar as novas ferramentas da internet e o modo como elas ajudam professores e alunos, a *Folhinha* poderia – e deveria – falar também sobre os riscos que os relacionamentos pela internet oferecem, já que existe gancho jornalístico para isso.

Como o suplemento é dedicado a crianças e adolescentes, a capa da edição de 24 de julho pode incitar, mais uma vez, histórias de namoro. Entretanto, em “Quando a noite chega... as lanternas se acendem nos acampamentos; descubra o que rola dentro dos quartos” não é feita nenhuma menção sobre o assunto, como se o público-alvo da *Folhinha* fosse diferente dos demais e questões como “ficar”, paquerar e namorar não fizessem parte das rodas de amigos. É claro que há de se considerar que crianças também leem o suplemento; entretanto, esses assuntos não deveriam ser desconsiderados como se não fizessem parte da realidade dos adolescentes. Isso é comprovado mais uma vez na edição de 18 de setembro, nos quadrinhos de Pedro C.:

- Oh, Marieta, tu és tão linda!
- Beije-me, Roberto!
- Aaaahhhh...
- Eric! Me deixa brincar de boneca em paz! (FOLHA DE S. PAULO; *FOLHINHA*, 2010 ll, p. 8).

Nesse sentido, Carvalho (2009, p. 101) enfatiza que

Família, escola, religião e meios de educação não-formal, como os meios de comunicação de massa, têm suas respectivas funções nesse processo de educação. Contudo, ao falar de sexualidade, os pais não se sentem à vontade e, quando se sentem, acabam pressionando ou tolhendo os filhos. A escola, por sua vez, trata o tema de maneira protocolar e superficial, não estabelecendo um diálogo efetivo e eficaz com os adolescentes. A religião, por sua parte, cerca o tema de tabus e mitos e, com isso, afasta os adolescentes.

Desse modo, a mídia poderia contribuir – como instituição que participa ativamente da educação e da socialização de crianças e adolescentes – e falar abertamente sobre o assunto, dedicando tempo e espaço para discutir assuntos relativos à sexualidade. A *Folhinha* não induziu, mas também tratou o tema como desnecessário ou supérfluo para o seu público-alvo ao não esclarecer como meninos e meninas podem “desenvolver a sexualidade de maneira responsável e consciente” (Carvalho, 2009, p. 91-92). Conseqüentemente, o suplemento deixa “uma lacuna porque não responde às dúvidas básicas sobre sexualidade e [pode contribuir a manter] intactos alguns tabus relativos à virgindade, ao desejo e à atividade sexual” (Carvalho, 2009, p. 92). Todavia, há de se considerar que a *Folhinha* tem o direito de preservar as crianças, mas a informação – quando bem explicada e adequada para o público-alvo a que se destina – certamente tem mais probabilidade de trazer benefícios do que malefícios.

A única capa que abordou a sexualidade voltada para crianças e adolescentes foi publicada na edição de 22 de maio. Intitulada “Quando ela vem?”, a matéria fala sobre a primeira menstruação e oferece depoimentos de meninas que esperam ansiosas pela menarca. Nas páginas 4 e 5, as garotas têm a oportunidade de tirar suas dúvidas por meio de perguntas e respostas: “Qual é a idade em que a menina menstrua? Quando saberei que vou menstruar? As pessoas vão saber que eu menstruei? Vou parar de crescer? Vai manchar a calça? Vai doer? Meus seios ainda vão crescer mais? Minhas amigas são melhores do que eu porque já menstruaram?” (Folha de S. Paulo; *Folhinha*, 2010 u, p. 4-5). A fala de uma psicóloga e a linguagem impessoal sempre utilizada pela *Folhinha* tornam-se eficazes para as meninas que queiram sanar suas dúvidas e saber mais sobre o assunto.

Outra observação realizada encontra-se na página 2 da edição de 29 de maio. Na resenha do livro “Olívia tem dois papais”, de Márcia Leite, consta que “Olívia tem uma

família um pouco diferente. Ela não tem mãe, mas dois pais bem especiais: um que gosta de brincar de mamãe e filhinho, o Raul, e um que cozinha só o que ela gosta, o Luís. E, aos poucos, ela descobre que cada família é de um jeito” (Folha de S. Paulo; *Folhinha*, 2010 v, p. 2). É o único momento em que o suplemento fala, mesmo que indiretamente, sobre relações homossexuais e sobre os novos modelos de família que estão se formando na sociedade moderna. Para Maria das Graças L. de Medeiros (2008 *apud* Carvalho, 2009, p. 91), as relações homossexuais são rejeitadas e ainda permanecem como tabu.

Um ponto importante a ser considerado no suplemento diz respeito à identidade de meninos e meninas: a *Folhinha* não se preocupa em reafirmar estereótipos do tipo “menina usa rosa e menino usa azul”. Por exemplo, em 12 de junho, o “Raio-X” conta a história de uma garota craque em embaixadinhas e que escreveu um livro sobre o preconceito no esporte. Já em 31 de julho, a editoria mostra os talentos de um garoto que faz bijuterias e tricô. Esse resultado é positivo, visto que o suplemento propicia às crianças e aos adolescentes não sentirem vergonha de suas próprias habilidades e, muito menos, preconceito, como aconteceu com o garoto Gabriel: “(...) as colegas de curso ficavam encantadas com suas produções e até propuseram sociedade, mas Gabriel continuou trabalhando sozinho e chegou a presentear amigos da escola, familiares e professoras com suas criações (...)” (Folha de S. Paulo; *Folhinha*, 2010 ee, p. 2).

Em relação à erotização precoce, outro aspecto priorizado nessa análise, pode-se afirmar que a *Folhinha* não contribuiu para a interrupção da inocência infantil. Nas fotografias, todas as crianças e adolescentes aparecem com roupas, calçados e acessórios de acordo com a faixa etária e é evitado o uso de maquiagem. Somente na página 3 da edição de 3 de julho, uma garota de 11 anos aparece com uma maquiagem mais forte e nas cores do Brasil, justificada, portanto, por ter servido de dica para os dias de jogos da Copa do Mundo de 2010. Os adultos, principalmente as mulheres, também estão vestidos adequadamente, sem fazer uso de roupas muito curtas e/ou escandalosas.

Conclusão

Após a análise do conteúdo de todos os suplementos infantis *Folhinha* publicados durante o ano de 2010, conclui-se que a *Folhinha*, suplemento infantil de um

dos jornais mais importantes do Brasil, a Folha de S. Paulo, colaborou para a preservação da infância e das características que cercam essa fase da vida ao não induzir crianças e adolescentes à erotização precoce, bem como não se preocupou em reafirmar estereótipos que envolvem gênero, como, por exemplo, menino usa azul e menina usa rosa. Além disso, as fotografias também não contribuíram para a interrupção da inocência infantil, visto que todas as pessoas apareceram com roupas e maquiagem adequadas.

Entretanto, o amor e sentimentos a ele relacionados como paquera, namoro e sexualidade foram assuntos pouco explorados, o que pode ter deixado um vazio no público-alvo da *Folhinha*, já que, muitas vezes, os leitores mirins veem os veículos de comunicação como fontes de consulta, de informação, e, conseqüentemente, como aliados na tarefa de responder suas dúvidas e sanar suas curiosidades. Nesse sentido, a homossexualidade e os novos modelos de família que estão se formando na contemporaneidade, cujos pais são do mesmo sexo, são exemplos de temas que receberam pouco, ou nenhum espaço nas páginas analisadas, já que o suplemento limitou-se a publicar a resenha de um livro, mas não se atreveu a comentar o assunto.

Essas observações demonstraram, portanto, que a *Folhinha*, como veículo de comunicação que destina seu conteúdo para um público com idades entre 7 e 13 anos, ainda precisa trabalhar com mais cuidado no que concerne às questões relativas à sexualidade e ao debate dos assuntos a ela relacionados. Todavia, a categorização de conteúdo adotada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) – na qual esta pesquisa se inspirou – possibilita afirmar que, de modo geral, o suplemento fez um Jornalismo que realmente se dirigiu às crianças e aos adolescentes, visto que as temáticas de todas as matérias submetidas à análise foram relevantes tanto na esfera social, quanto educacional e contemplaram o universo infantil e suas especificidades.

REFERÊNCIAS

CANELA, Guilherme. Meios de comunicação e o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes. In: VIVARTA, Veet (Org.). **Infância & Consumo: estudos no campo da comunicação**. Brasília: Andi; Instituto Alana, 2009.

CARVALHO, Michele. TV, estímulo precoce à sexualidade e adolescência. *In*: VIVARTA, Veet (Org.). **Infância & Consumo: estudos no campo da comunicação**. Brasília: Andi; Instituto Alana, 2009.

FLORES, Alice Lacerda Pio Flores *et al.* Erotização e Infância: as duas faces da publicidade. Revista **Anagrama**, ano 4, 3.ed. USP: São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.usp.br/anagrama/Flores_Infancia.pdf>. Acesso em: 20/03/2011.

INSTITUTO ALANA. "**Na publicidade, o paradigma e o modelo de pertencimento são dados de fora para dentro**": entrevista com Ana Olmos. São Paulo, 2009.

Disponível em:

<<http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/NoticiaIntegra.aspx?id=5928&origem=23>>. Acesso em: 28/04/2011.

MANGOLD, Maritânia *et al.* **Sexualidade na infância**. Trabalho desenvolvido nas disciplinas de Educação para a Saúde e Sexualidade e Filosofia da Educação. Universidade do Contestado, UNC, Concórdia, Santa Catarina, 2007. Disponível em: <http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/educacaoInfantil/SEXUALIDADE_INFANTIL.pdf>. Acesso em: 20/03/2011.

VIVARTA, Veet (Org.). **Infância & Consumo: estudos no campo da comunicação**. Brasília: Andi; Instituto Alana, 2009.

Referências dos suplementos analisados

FOLHA DE S. PAULO. Ano 89, nº 29.550. **Folhinha**. 27 de fevereiro de 2010 i.

FOLHA DE S. PAULO. Ano 89, nº 29.557. **Folhinha**. 06 de março de 2010 j.

FOLHA DE S. PAULO. Ano 89, nº 29.634. **Folhinha**. 22 de maio de 2010 u.

FOLHA DE S. PAULO. Ano 89, nº 29.641. **Folhinha**. 29 de maio de 2010 v.

FOLHA DE S. PAULO. Ano 89, nº 29.655. **Folhinha**. 12 de junho de 2010 x.

FOLHA DE S. PAULO. Ano 89, nº 29.662. **Folhinha**. 19 de junho de 2010 y.

FOLHA DE S. PAULO. Ano 89, nº 29.676. **Folhinha**. 03 de julho de 2010 aa.

FOLHA DE S. PAULO. Ano 89, nº 29.683. **Folhinha**. 10 de julho de 2010 bb.

FOLHA DE S. PAULO. Ano 89, nº 29.697. **Folhinha**. 24 de julho de 2010 dd.

FOLHA DE S. PAULO. Ano 89, nº 29.704. **Folhinha**. 31 de julho de 2010 ee.

FOLHA DE S. PAULO. Ano 89, nº 29.753. **Folhinha**. 18 de setembro de 2010 ll.